

os donos do inverno

romance

altair martins





**os donos
do inverno**
altair martins



Porto Alegre • São Paulo
2019

Copyright © 2019 Altair Martins

CONSELHO EDITORIAL Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp

CAPA E PROJETO GRÁFICO Luísa Zardo

REVISÃO Raquel Belisario e Rodrigo Rosp

FOTO DO AUTOR Davi Boaventura

FOTOS DA GUARDA Louis Scur Carrard

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M376d Martins, Altair
Os donos do inverno / Altair Martins. — Porto Alegre : Não Editora, 2019.
256 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-61249-75-5

1. Literatura Brasileira. 2. Romances Brasileiros.
I. Título.

CDD 869.937

Catalogação na fonte: Ginamara de Oliveira Lima (CRB 10/1204)

Todos os direitos desta edição
reservados à Editora Dublinense Ltda.

EDITORIAL
Av. Augusto Meyer, 163 sala 605
Auxiliadora • Porto Alegre • RS
contato@dublinense.com.br

COMERCIAL
(11) 4329-2676
(51) 3024-0787
comercial@dublinense.com.br

Se o que me falta
é uma tarde de
outubro em que
cortei as unhas.

Palavra perdida,
Diego Grando

Ou talvez
devêssemos dizer
que os cavalos
percebem o tempo
em seu curso real,
enquanto nós,
humanos confusos,
olhamos sempre
para o lado errado.

Cavalos de Cronos,
José Francisco Botelho

1 as fotografias

O inverno teve um pátio. Dá pra ver na fotografia que não sabemos quando, mas onde aconteceu. Ali estamos nós, os pilotos do avião, no canteiro de obras da casa do Fernando. Ele recém chegou com a família do norte, e ainda não somos irmãos — só o Elias e o Carlos. Estamos bem agasalhados para o frio das alturas, prestes a decolar com sucata: uma hélice de ventilador, um cavalete, um assento de cadeira, dois tamboretas, uma tábua. O Carlito, com óculos de natação, confere os equipamentos. O Elias segura a metralhadora que é só um tubo de pvc. No meio do avião, com a tábua da asa nos ombros, o Fernando dá estabilidade àquele voo movido a crença. É a primeira vez que brincamos juntos.

Um ano depois, o inverno vai precisar de casa nova, quando a mãe do Fernando morre e o Elias e o Carlito ficam sem pai. Viúvos no mesmo

mês, Seu Liandro e Dona Marlene, que já eram vizinhos, se juntam para criar os três filhos. Nos reencontramos na casa de madeira, dividindo o quarto de paredes azuis, o frio das frestas e uma única janela. De resto, uma cama e um beliche, um roupeiro parecido com um confessionário, um espelho grande decorado de figurinhas do campeonato brasileiro e o porta-retratos para aquela fotografia, a do último inverno antes de nos tornarmos irmãos de criação.

E há aquele fotochart recortado da contracapa do jornal. Dois cavalos quase juntos, cabeça a cabeça, e o olhar da égua Onesita, redondo e brilhante, nunca mais tão brilhante e tão redondo como naquela vitória em que o jóquei C. Martins, o nosso irmão Carlito, levanta a mão pela última vez. Um dia perguntamos a ele como os cavalos correm, se só olham pros lados. Pra ganhar uma carreira, os cavalos só precisam dar voltas e chegar sempre ao mesmo lugar. São puros-sangues. Nós é que ficamos olhando pra frente e pra trás. Foi mais ou menos isso que o Carlito disse.

2 o Elias

É a última aula da quinta-feira, e o professor Elias demora a perceber que, outra vez, segura o buraco nas mãos. Não estamos juntos, embora lecionar encurte distâncias.

Neste final de tarde, o professor não acha alguns dos objetos úteis que estruturam o seu cotidiano. Sua caneta vermelha para quadro branco, por exemplo. Ela não está dentro da sacola de pano de duas alças, e o professor Elias julga que é a falta da caneta que o atrapalha ao tentar escrever o nome do bicho extinto que mostra na aula de Biologia.

O Tigre-da-Tasmânia só pode ser visto num vídeo do youtube, em preto e branco. O professor vai explicar justamente que o tigre, que mais parece um cachorro, apesar do rabo longo de canguuru e das listras escuras no dorso, já não existe. Mas no filme de 1933 ele está lá, vivo, por três minutos

e quinze segundos. O animal, talvez se chamasse Benjamin e fosse o último da espécie, viveu três anos em cativeiro australiano, sob o calor intenso dos dias e o frio sem umidade das noites. Benjamin corre em círculos, come, deita, abre uma boca imensa, depois boceja, nos olha nos olhos, cheira o ar. O tigre põe as orelhas pra trás e ergue as patas dianteiras até a tela de arame de sua prisão, como se exigisse seu lugar no mundo. Há uma música que acentua a estupidez de tudo.

Ao acender a luz, o professor Elias, mais que comovido, está triste. E quando encontra a caneta na borda do quadro e automaticamente vai escrever o nome daquele que tinha sido o maior marsupial carnívoro, só então nota que falta não a ferramenta, mas a coisa mais profunda com que se escreve.

Categoricamente o professor Elias explicaria que, claro, uma coisa útil tende a desaparecer em uso e por isso seria lógico que as letras que compusessem o termo Tigre-da-Tasmânia se apagassem naquilo que viessem a significar. Mas não é de lógica o caso: a palavra, confusa nela mesma, desaparece não do espaço, mas da compreensão.

Diante dos alunos aos quais quer explicar a lástima de um animal que nunca mais será visto, o Elias dá as costas para o quadro onde nada escreveu. Na sua cabeça, o termo Tigre-da-Tasmânia pede o nome, mas o professor não encontra em si os mecanismos necessários para escrever. Sabe quais

são as letras, pode ver cada uma delas exposta, mas simplesmente lhe falta algo humano que entende o que se escreve e que sabe que uma letra é um elemento distinto de outra letra, como os sumérios ensinaram à História, em cunha e argila, e aquela falha parece comprometer toda a operação. Culpa do cansaço, qualquer professor justificaria assim.

Mas o Elias já não consegue justificativa decente para as coisas mais importantes da sua vida, que dirá por cansaço. Pega a sacola de pano e tira uma a uma suas coisas de lá, uma agenda, um tubo de cola, uma tesoura, alguns lápis pretos, uma caneta esferográfica, uma borracha. Nem mesmo os dois livros de Biologia o detêm, porque o Elias está perdido a procurar sem saber o quê. Destampa a caneta, parece desenhar — um risco horizontal cortado por traços que diminuem rumo à cauda de uma espinha de peixe. Mas para. Ganha tempo, uma artimanha didática atingida com a experiência, até que uma resposta venha convincente ao aluno que faz a pergunta difícil. Poderia pedir ao líder de turma que buscasse, mas pediria que buscasse o que e onde? Sente que o furo não se guarda, que o furo está no professor, e a palavra que precisa escrever simplesmente não parece ter sido inventada. Algo muito ruim passa a arder na garganta. Ampara-se no quadro e não reconhece o que um garoto, impressionado com aquele cachorro de listras, vem lhe perguntar. O desenho é um fóssil de bicho, professor?

O Elias não sabe o que é fóssil e olha os estudantes num começo de algazarra, alguns achando que o professor de Biologia está pra ter um troço. Mas o Elias busca apenas a conexão natural entre as coisas que o cercam naquela sala, que têm que pertencer à mesma família, que são coisas irmãs a classe, os estudantes, o professor, o bicho que desapareceu, o quadro branco, a caneta de tinta vermelha e a palavra fóssil. Como vem sentindo, o assombro de toda a adolescência retorna para discutir as culpas, velar um corpo, fechar um luto. Ao Elias falta a língua, porque o português, depois de doloroso, não dá mais conta. Mas não é esse o problema. O professor simplesmente não tem idioma. Ele tosse.

Alguns estudantes vêm socorrê-lo. Outros aproveitam para sair. Há papéis voando, e a dúvida que alguém pergunta numa língua chiada.

Poderia soar o alarme forte que anuncia o fim do turno. Mas não soa. O Elias perde os limites de sua ação, os alunos tomam o corredor, e então o mundo descarrila. Na confusão, o professor Elias é chamado por alguém.

Pelas janelas abertas vaza o frio. Mas o Elias, mesmo de mangas curtas, não o sente, nunca mais sentiu. E antes que ele se aproxime da janela, a cabeça de um cavalo, de um baio ruano, quase dourado, surge para olhá-lo de flanco. E o Elias entende que há um cavalo no pátio da escola e que o cavalo enfiou a cabeça pela janela e balança as

crinas espessas, mais claras que o corpo, e espera que o professor lhe fale.

E então o Elias lembra que pode falar com cavalos.

Agora de forma mais clara: o cavalo gesticula com os lábios, mostrando gengivas e dentes. E o Elias compreende.

«Professor, ninguém para quieto fora do lugar.»

É uma sentença a do cavalo ruano. Sugere um lugar de desconforto e insinua aquilo que o Elias aceita, porque recolhe os materiais da mesa e sai pelo corredor apinhado de estudantes. Pensa no irmão Fernando. Lembra que a mãe lhe tinha dado o número dele, mas ainda teme que o Fernando possa se recusar a entender ou que entortemos as lembranças pra lá e pra cá. E mesmo assim o Elias nos antevê juntos, e uma necessidade medonha de chamar o Fernando o leva a seguir o cavalo que, devagar, vai deixando a escola. Quando cruza da porta para a rua, o cavalo se vira e o espera.

«O professor não vai perguntar ao irmão se ele ainda se lembra do senhor, vai?»

E o Elias responde, numa língua que parece uma tosse:

«Só quero ligar pro meu irmão. Preciso que ele dirija outra vez.»

3

o Fernando

O Fernando teme que seja um recomeço.

Primeiro é a voz no telefone, pedindo ajuda como se tivesse segurado a respiração por muito tempo: Preciso que tu dirija pra mim. Pode vir? Depois, a sensação covarde toma as mãos que guardam o telefone, e as mãos não parecem mais ter força, e daí passa pelo estômago, e um peso, e chega aos pés. O Fernando deixa cair sabonete, creme dental, um isqueiro de plástico. Por um momento, julga estar regressando tarde ao quarto apertado, e então, sem acender a luz, terá de juntar aquelas coisas com muito cuidado para não acordar os dois irmãos.

Um funcionário do supermercado lhe recoloca as compras na cestinha. Mas tudo volta a cair. O que foi? É que fazia tempo que o medo não o paralisava assim. O senhor tá se sentindo bem? O Fernando não responde. O funcionário percebe

que ele olha para as gôndolas. Precisa de ajuda pra achar alguma coisa?

O Fernando conhece o sintoma: a voz decidida pedindo que pegue o automóvel e dirija até encontrar alguém que já não existe. E desta vez o Fernando sente, pela expressão do pedido, que será algo mais forte. Tem pressa e por isso se livra das compras na primeira estante, mexe nos bolsos, deixa cair umas moedas e foge. Para o Fernando interessa sair logo dali, pegar o carro e dirigir até a escola onde o irmão leciona. Porque o Elias voltou a ser assombrado pelo jóquei que nunca deixou de correr. Interessa mais ainda que possamos conversar, depois de tanto tempo, sobre qualquer coisa até que um acalme o outro, é isso.

Enquanto avança pelos corredores do supermercado, dobra esquinas, espanta pessoas, o Fernando se sente sozinho com aquelas lembranças que nos separam como irmãos: longe do Carlos, depois do acidente; longe do Elias, depois do Carlos. Na cabeça, o Fernando pegava aquele carro que não lhe pertencia e guiava na chuva intensa, em alta velocidade, até Guaíba. Depois vinham as expressões inéditas da mãe e do pai no portão de casa, a chuva ainda, a procura do Carlito caído na autoestrada, a noite mais fria, a manhã mais fria, e o retorno à casa dos pais para dar a notícia de que precisavam entrar no carro e ir com ele a Porto Alegre, que o Carlos tinha chegado ao hospital Beneficência Portuguesa. Em seguida o

Elias, com a notícia do médico, falando primeiro para o Fernando. Nós dois caminhando até o resto de chuva, o Elias tendo de falar mais alto que o barulho de uma sirene: o Carlos esperou demais na estrada. Agora outra vez o que era uma coisa só começa a se dividir. O Fernando precisou tanto do irmão restante e nunca entendeu como tudo acabou tão longe. Morando na mesma cidade, trabalhando tão perto, e o buraco só pareceu maior. Cavalos não olham de frente, cavalos só olham de lado, o Carlos nos disse. E então o telefone vem recrutar o motorista. O Fernando nunca se sentiu pronto, mas tem que ir agora.

Chega à porta de vidro do supermercado e olha para a rua. Depois, para os corredores onde as mercadorias fingem cumprir a normalidade de uma quinta-feira, fim de tarde, em Porto Alegre. O funcionário vem até ele. O senhor deixou cair o dinheiro.

O funcionário pega a mão do Fernando e devolve as quatro moedas. Meu táxi, não vejo daqui.

O funcionário avista carros vermelhos em fila. Seu táxi é aquele ali.

O Fernando olha e agradece com a cabeça. Hesita antes de sair para o fim da tarde. Entra no automóvel com as mãos geladas. Pensa: desta vez é diferente, agora o carro é meu, vou aonde quero. E dá partida no motor.

Na infância achava que seria sozinho, lá nos nortes de Tocantins, quando Tocantins era ainda

Goiás e ele vivia só com o pai e a mãe. Depois, a família deixou Guaraí, e o Fernando ganhou dois irmãos no sul para perder um e se perder do outro. No semáforo fechado, concentra-se no horizonte que acaba lá na frente, no parque da Redenção, adivinhando o que dirá ao Elias. Lembra a mãe, que tanto pedia que ligasse ao irmão, que o Elias tinha voltado a conversar com cavalos. Suspeita que um impulso nos leve a algum abraço e tem medo de que um de nós possa não gostar. Porque lembraremos tudo e talvez não achemos conversa. E entretanto, mais que medo, o Fernando tem vontade de falar com o Elias. Automatiza na sequência uma conversão à direita, à direita de novo, depois à esquerda e então uma reta até a escola. Para o Fernando não interessa mais nada, a não ser fazer diferente: dirigir para nós dois.

Na Vasco da Gama, abre os vidros e olha o céu, muitas nuvens, e respira, respira, como se respirar lhe repusesse o fôlego que antevê necessário. Por enquanto, está em meio ao trânsito de fim de tarde, com carros de pais a recolher os filhos na escola em frente. São muitas as crianças, e ele procura uma vaga para estacionar. De pisca-alerta ligado, o Fernando recebe outra ligação: avisa que está na esquina com a Barros Cassal, num táxi, um chevrolet classic. E vê quando o irmão se vira pra ele, muito perto, tão perto que poderíamos nos ter escutado sem telefone. O Elias olha para dentro do táxi e reconhece os cabelos de índio do Fernando

e sabe, enfim, que o irmão veio. E o Fernando reconhece o mesmo Elias de mangas curtas, que não sentia frio, um Elias que gostava mais dos bichos que de videogame. Quando o Fernando ameaça descer, já o Elias abre a porta do táxi e, sentando, diz, meio sufocado como quem acabou de sair de dentro d'água:

— Te reconheci de longe, Fedor.

O Fernando ri ao escutar novamente o apelido. Como que por um hábito inevitável, pegamos um no braço do outro. E só. Daí o Fernando sente-se vivo. Esboça algo que não lembrávamos, mãos medrosas nos ombros do Elias, quase abraço. Mas o Elias tem pressa e aponta, respirando forte pela boca.

— Segue aquele cavalo.

O Fernando não consegue ver cavalo algum. Mas entende aonde vamos e que ele, o motorista Fernando, precisa dirigir o carro, e que o Elias volta a sofrer da falta, e que então os anos não tinham passado porque desperdiçamos quase tudo. Mas agora que o Fernando trouxe o táxi, dirigir nos parece mesmo encurtar distâncias.